

C. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: Jodo Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Einstein

Do jornal de «A Guarda» transcrevemos este excelente artigo e que merece o respeito e a leitura de toda a gente.

A ciência materialista dos últimos séculos tem empenhado repetidos esforços no sentido de fazer crer que, no homem, tudo é matéria, e quanto nós classificamos de valores superiores do espírito não é mais que reacção, movimento ou... secreção da matéria e por isso, a acuidade da inteligência mede-se para uns, pelo volume do cérebro, para outros, pela simetria dos glóbulos cerebrais, para outros ainda, pelo peso do mesmo órgão. As experiências feitas sobre numerosos indivíduos, sobre os próprios autores destas extravagâncias mentais, desmentiram, rotundamente, as pretensões ousadas e infundadas do materialismo, mas essa estrondosa demonstração não fez recuar os seus sequazes que continuam a engendrar teorias que renovam erros grosseiros já enterrados a sete braças pela verdadeira ciência anatómica e fisiológica.

Einstein foi, sem dúvida, um grande sábio, um dos maiores senão o maior cientista do nosso tempo. A curva da sua ascensão intelectual não é uniforme. Bem ao contrário. Criança, foi tido e classificado na escola primeira como um «atrasado», inframedioce. Nos estudos secundários, parece que o seu talento não desabrochou, antes se manteve ao nível que revelara no ensino primário, pois que foi reprovado no exame de admissão ao ensino superior.

Mas uma vez entregue às lucubrações desse ensino, o talento de Einstein abriu-se como uma fulguração de génio e, aos 26 anos, publicava a sua famosa teoria da relatividade, que operava, no domínio da física e da ma-

(Continua na página 3)

Recordamos o que dissemos quando a morte levou do mundo dos vivos aquela figura tão conhecida:

O Padre Américo

«À memória do Padre Américo, figura gigante dum mundo desvaorado, dedico, com toda a humildade, estes singelos pensamentos:

I

O Padre Américo morreu. A morte libertou-o para a glória eterna; mas a sua acção, plena de força criadora, levou à criança da rua o pão e o agasalho, o amor e o respeito, cumprindo, em toda a extensão, a verdadeira doutrina do filho de Deus: **A justiça social.**

II

Só os homens como o Padre Américo, pela palavra e pela obra, se tornam sublimes e lembrados, porque deixam no mundo o pensamento pela acção, a verdade pela justiça e o resgate total da sua condição no abraço fraternal à criança da rua, perdida nos solavancos da roda da desdita. Sim! Os homens imortalizam-se pelas obras; mas estas ainda imortalizam mais os homens quando elas se radicam e consubstanciam no amor, numa espécie de embriaguez que só encontra satisfação no mais e no melhor. Foi assim a obra do Padre Américo.

Ele não morreu totalmente, porque a morte é a porta de uma nova vida, é, em última análise, o complemento do ser, é a eternização do homem.

E o Padre Américo continua a viver em nós, e hoje a sua lembrança é um poema a encorajar os fracos e a esperar os aflitos.»

A. B.

BARCELENSES NA ÍNDIA

SÉCULO XVI

Continuação dos breves apontamentos genealógicos e biográficos

Por ANTÓNIO BAPTISTA

QUANDO publicamos, no número de Abril deste ano, o nome de alguns barcelenses que, em pleno século XVI, seguiram rumo à Índia, não nos foi possível inserir mais estes nomes, que ultimamente descobrimos:

Belchior Pinheiro Barreto, escudeiro, de 20 anos, de Barcelos, filho de António Vaz Barreto, foi em 1578.

Fernão Velho de Araújo, cavaleiro-fidalgo com 2.400 rs. de moradia, do termo de Barcelos, filho de Paio Roiz de Araújo e de Ana Dias de Vilas-Boas, foi em 1553 na Nau Galega.

Como se constatou no número de Abril, Sebastião de Sá fora também para a Índia em 1553 na mesma Nau Galega.

Francisco Veloso, escudeiro, filho de Gonçalo Anes do Vale e de Branca Nogueira, do termo de Barcelos, foi em 1531.

N. B. — Em 1553 foi Luís de Camões para a Índia na Nau Galega.

O Pensamento do mês

Não há discreto que não seja benigno, nem ignorante que não seja rigoroso.

Francisco de Moraes

«Boletim Social da Tebe»

4.º ANIVERSÁRIO

O próximo «BOLETIM» comemorativo do 4.º aniversário será, pelo menos, de 40 páginas.



BARCELOS — Ponte sobre o Cávado



BARCELOS — Jardim das Barrocas

O Castelo de Pinhel

E SUAS MURALHAS

DESDE os tempos mais recuados da história e sempre que um aglomerado populacional ocupava novos territórios uma ideia persistia nos seus chefes: a defesa da população. Para tanto edificavam-se muralhas e castelos, baluartes imponentes que ainda hoje atestam bem do valor e da tempera dos nossos maiores.

Podemos hoje, ainda, admirar por esse Portugal em fora os restos das muralhas e castelos construídos pela força e engenho do homem e que são, sem favor, «inestimáveis vestígios de fomento militar da Idade Média».

As torres do castelo de Pinhel são marcos gigantes, que falam alto, em estrofes episódicas, de todo um poema de lutas, que vem desde os tempos de Portugal embrionário ao Portugal dos nossos dias. O castelo de Pinhel, pela beleza arquitectónica das suas janelas e pelo belo estado de conservação, é o selo inconfundível da heroicidade desse aglomerado nos mais distantes tempos de gestação nacional.

A fúria do tempo não conseguiu alterar-lhe a feição primitiva. Certo é que muitas características foram roubadas à cintura de granito que completava a actual muralha. Noutros tempos, que já vão longe, alguns habitantes pinhelenses serviam-se da pedra das muralhas para as suas edificações, não porque raçasse nesta região; mas porque era mais cómodo e mais económico não ir cortá-la às pedreiras. Hoje, porém, graças ao interesse colectivo pela conservação das coisas velhinhas, a muralha persiste, embora fracturada, marcando, de década em década, uma lembrança de um passado que não esquece.

A torre de menagem do castelo que, pela invulgaridade, se torna preciosa, é uma autêntica joia nacional, sendo de salientar o tecto, concebido em abóbada, fechando por uma bem trabalhada esfera armilar, tudo levando a concluir que, no reinado de D. Manuel, fora restaurada, tirando-lhe esse restauro o sabor primitivo.

A janela geminada da torre é feita também ao gosto manuelino. A cintura da muralha é toda de cantaria e tinha seis portas a que alguns historiadores dão os seguintes nomes:

A da Vila, de S. Tiago, de S. João, de Marrocos, de Alvacar e de Marialva. Outros escritores atribuem-lhe outras designações, denominando-as da Vila, de Marialva, de Alvacar, de Castelo Rodrigo ou dos Muchachos, de S. João e da Rua de Baixo. Cada uma destas portas era protegida por uma torre e a principal, segundo rezam velhas crónicas, tinha um relógio.

Hoje, porém, o relógio persiste numa outra torre, relativamente moderna e que não está, de modo algum, enquadrada no estilo e características da antiga vila. A povoação, como atrás dissemos, tinha seis torres constituindo, assim, o baluarte defensivo das seis portas.

As torres do castelo foram reedificadas por D. Diniz em 1312.

Do cimo da torre de menagem do castelo disfruta-se um panorama formosíssimo que se alarga até à margem direita do Douro, terras de Trás-os-Montes e de Espanha (isto só se verifica em dias de sol).

O castelo tinha dentro da sua cintura três cisternas, que se destinavam a abastecer a população na hipótese de um ataque inesperado.

Humberto de Bessa, em «Castelos de Portugal» refere-se assim ao de Pinhel:

«Foi praça murada desde tempos muito afastados, supondo-se que datam desde os princípios do século XIV as principais reparações da sua cintura militar, desta já pouco existe e da cidadela também, mas existem ainda duas alterosas torres, julgo que sendo uma a de menagem, que estão bem conservadas e pelos factos que ligam Pinhel à história medieval, especialmente nas campanhas das independências, no reinado de D. João I, deve o seu castelo e cidadela serem restaurados,

caso ainda sejam de tal susceptíveis e colocados sob a guarda e vigilância da Câmara ou de uma comissão que pela sua conservação zele».

O autor neste conjunto de frases não foi muito feliz nas suas considerações, tomando por inexistentes as muralhas, que afinal, ainda são dignas de apreço pela sua extensão.

Não nos alargamos mais sobre as considerações de Humberto de Bessa pois nos parece que ele se limitou a concluir factos com ignorância total dos locais...

Felizmente que o Estado, através dos departamentos competentes já iniciou o restauro. Não dizemos que restaurou, pois o restauro integral seria imensamente dispendioso; mas, mesmo assim, valia a pena que as entidades competentes ventilassem o assunto junto da repartição dos Monumentos Nacionais.

O castelo de Pinhel mereceu sempre, dos nossos reis, a atenção principal, dada a sua situação geográfica. Vejamos uma parte de uma das crónicas de D. Diniz que a ele se refere nestes termos:

(E mais que depois q deste casam^{to} ser asy feyto se o dito Jffante dom fernado leyxa-se a Jffante donna costãça sua molher nõ dese de suas terras dez mil maraudis douro e que se cõcordarã que neste caso tanbẽ os castellos decastella se entregasẽ a porugal. (E por esta manã pos elRey dom deniz e fieltade e poder decastelhanos os castellos dacidade da guarda e de pinhel para que nõ dando e entregãdo a dita Jffãte ao tpo concordado que os perdesse e fosẽ para sempre de castella. (E Mas elRei dom sancho o nõ comprio asy por que dese nõ desfazer o dito casam^{to} procurou contra sua verdade de aver os ditos castellos da terçarja E o que pyor foy que os ouuẽ e tomou cõ mortes dalgũs alcaides portugueses do que elRey dom diniz foy muỹ anojado por q esy como por sua natural e Real cõdiçã nõqã se achou q disese mintira asy sentio e lhe doeo quebrarõlhe tam honesta e prometida verdade;)

Dando à grafia a actualização corrente, vejamos a contextura desta crónica na escrita actual:

(E mais, que depois do casamento ser assim feito, se o dito infante D. Fernando deixasse a Infanta D. Constança, sua mulher, e lhe não desse, de suas arras dez mil maravedis de ouro, em que se concordaram, que, neste caso, também os ditos Castelo de Castela se entregassem a Portugal.

E por esta maneira, El-Rei D. Diniz pôs em fieltade e poder dos Castelhanos, os Castelos e cidades da Guarda e Pinhel, para que não dando e entregando a dita infanta ao tempo concordado, que os perdesse e fossem para sempre de Castela. Mas El-Rei D. Sancho o não cumpriu assim porque desejando de desfazer o dito casamento, procurou contra sua verdade de haver os ditos Castelos da terceira, e, o que pior foi, que os houve e tomou com mortes dalguns Alcaides Portugueses, do que El-Rei D. Diniz foi mui anojado, porque da sua natural e Real condição nunca se achou que disesse mentira. Assim sentiu e lhe doeu muito quebrarem-lhe tão honestamente a prometida verdade;)

CAP. XXXIIJ, das obras e cousas q elRei dom dinis fez e sua vida.

.....

..(E na comarqã dabeyra e Riba de coa fez de nouo estes castellos s. avoo que agora he bpadõ de cojmb^{ra} e o sabugal a alfayates castel R^o vilar mayor, castel boõ, almeida castel milhõr, castel mendo, e sam felizes de guslegos, q tẽ agora castella e nã fez o castelo de monforte de Riba de coa que tãbem lhe foi dado p^o estar e mas des-

Secção Desportiva

ECOS DESPORTIVOS

Por JONE & TONE

A justiça virá depois

Em Barcelos, o Clube Desportivo da TEBE continua sendo um clube... forasteiro.

Ainda no jogo que o nosso clube efectuou no Parque da Cidade com o Famalicense, a maioria dos encitamentos foram para o... Famalicense. Francamente, é de lamentar.

Nem mesmo a possibilidade de o Clube Desportivo da TEBE, um clube de Barcelos, alcançar o apuramento, para não pesar nos desportistas barcelenses, que cegos por paixões clubistas, não atentam, que nenhum dos 3 clubes da nossa terra, em vários anos de prática da modalidade, conseguem alcandorar-se a um lugar ao sol, para o oquei Barcelense é vaiado, na sua própria terra com toda a sorte de impropérios quer aos jogadores e àqueles poucos que os ousam incitar.

Indiferente a tudo e a todos, o Clube Desportivo da TEBE vai seguindo a sua rota, graças ao generoso esforço dos seus dirigentes e atletas.

A justiça virá depois.

À frente... na simpatia

À excepção da terra onde o clube foi fundado, o Clube Desportivo da TEBE, continua a suscitar simpatias nas terras a que se desloca.

No passado número publicamos um ofício em que a Direcção do Vitória de Guimarães, salientava o desportivismo dos nossos atletas. Agora

posição da terra e sua força por defensão do Regno nõ ser m^o necesarja e fez mais pinhel e seu castello.

Capítulo XXXII

Das obras e coisas notáveis que El-Rei D. Diniz fez em sua vida.

E, na Comarca da Beira e Riba-de-Coa, fez, de novo, estes castelos a saber: Avò, que agora é do bispo de Coimbra; o Sabugal; Alfaiates; Castelo Rodrigo; Vila-Maior; Castelo-Bom; Almeida; Castelo-Melhor; Castelo Mendo; S. Felizes-dos-Galegos, que tem agora Castela. E não fez o castelo de Monforte de Riba-de-Coa, que também lhe foi dado, por estar em má disposição da terra e sua força, para defensão do Reino, não sendo muito necessária. Fez mai Pinhel e seu castelo.

Do livro em preparação «Pinhel e outras terras da Beira Alta» por A. B.

é o Vianense que, no ofício abaixo transcrito, manifesta a sua gratidão à compreensão dos Dirigentes do nosso Clube, e à correcção dos jogadores.

«Viana do Castelo, 22 de Julho de 1957.

Ex.^{ma} Direcção do Clube Desportivo da TEBE BARCELOS

A Direcção do Sport Clube Vianense vem, muito reconhecida, agradecer a V. Ex.^{as} a maneira simpática como acederam ao pedido que lhes foi feito para o adiamento do jogo que devíamos efectuar no passado dia 17, nesta cidade.

Não pode também, o S. C. Vianense, deixar de manifestar, aos v/ briosos jogadores, a sua gratidão e reconhecimento pela correcção e espírito desportivo que manifestaram no jogo que aqui realizaram.

Creiam, que tais atitudes sensibilizaram sobremaneira os n/ directores bem como toda a massa associativa.

Aproveitamos a oportunidade para apresentarmos a V. Ex.^{as} os nossos melhores cumprimentos e entretanto, subcrevemo-nos

Muito Atenciosamente

Pela Direcção

J. D.

Secretário»

Original

Mais uma vez voltamos a pedir o favor de nos entregarem o original até ao dia 15 de cada mês.

Número especial

Dado o volume de artigos, rogamos a especial fineza de nos mandarem o original até ao dia 5 do mês de Agosto.

Associação de Patinagem do Minho

Recebemos a circular n.º 7/57 quando este número entrava já nas máquinas, razão porque só a publicaremos no próximo «Boletim» de Agosto.

Jantar de Confraternização

Por razões consideráveis foi adiado.

EINSTEIN

(Continuação da página 1)

temática, uma verdadeira revolução. Tão alta ou tão profunda foi essa revolução, tão ao arrepião dos clássicos conceitos o jovem sábio se alteara que, quando em 1921, fez, em Paris, uma exposição da sua extraordinária teoria, só professores de física, matemática e cosmologia, das escolas superiores, foram admitidos a escutá-lo.

E lembramo-nos de que alguns não se envergonharam de confessar a dificuldade que haviam experimentado em compreendê-la em todo o seu conteúdo e consequências, em diversos ramos da ciência e da filosofia. Mais tarde Einstein aparece com a sua igualmente revolucionária teoria sobre a natureza e estrutura do átomo, que veio a conduzir à energia nuclear, de que se pode considerar o verdadeiro pai.

Feitio irrequieto, trocou a sua pátria alemã pela Suíça, e por outras sucessivamente e veio a morrer americano. Mas como sucede com todos os grandes homens, Einstein não era intransigente em matéria científica, e embora porfiasse na verdade das suas descobertas quando demonstradas. Um dia escutou, no anfiteatro da Universidade de Hawar, E. U., uma conferência do antigo aluno daquele importante estabelecimento de ensino e, ao tempo, considerado professor da Universidade Católica de Luvaina, o Padre Lemaitre, sobre a origem do mundo.

Escrevemos, então, no nosso jornal, um artigo sobre a teoria do sábio católico que, sumariamente, considera o desenvolvimento do universo à semelhança de uma bola de sabão, que vai crescendo progressivamente.

Einstein estava no meio da numerosa assistência que escutava o sábio sacerdote. No final, ostensivamente, Einstein ergue-se e avança para o orador e comenta: «a sua teoria sobre a origem do mundo é a mais científica que conheço».

Que pensava Einstein das teorias materialistas sobre as relações que existem entre o cérebro e a inteligência? Cremos que não deixou nada porque se possa precisar ou julgar do seu pensamento neste assunto. Mas, apesar de israelita, Einstein legou à ciência o seu cérebro, para que nele ou por ele descobrisse o mistério ou segredo da sua extraordinária inteligência, a fulguração estranha do seu génio. E a ciência americana aceitou o legado e encarregou dois dos seus mais altos e

considerados representantes para se desobrigarem do encargo, cometido por Einstein à sua competência científica.

Esses sábios são, o Dr. Harry Zimmerman, chefe do laboratório do Hospital de Montefiore, de Nova Iorque, e o professor de Patologia da Universidade de Columbia, o Dr. Geoffrey Hith, auxiliar de Patologia do Hospital de Princeton.

Calcula-se o interesse que os dois sábios puseram no desempenho do honroso encargo que lhes fora confiado. Todos os recursos da ciência foram postos em serviço para a solução do problema em causa.

O cérebro foi estudado minuciosamente, medido, pesado, analisado até nos vasos sanguíneos, e fotografado em todos os ângulos, em branco, a negro e a cores.

Qual o resultado? O Dr. Zimmerman declarou: «o tamanho do cérebro de Einstein não contém nada que indique excepcional aptidão mental. O cérebro do homem vulgar pesa 1.500 gramas, mas houve homens eminentes com cérebro mais pequeno assim como há tipos de seres idiotas que geralmente têm cérebro excepcionalmente grande».

O Dr. Geoffrey, por seu lado, declarou: — «O cérebro de Einstein parece-se com o de qualquer outra pessoa. Não é provável que nele encontraremos provas científicas de que Einstein era um grande génio».

Muitas coisas curiosas ensinou o sábio durante a vida. Esta lição que nos dá a análise do seu cérebro não é das menos úteis para tantos, que porfiavam, contra todas as provas científicas, em crer que a grandeza, acuidade, penetração da inteligência reside no volume, simetria ou peso do cérebro.

Espiritual como é, a inteligência do homem revela da alma e se, em alguma coisa o cérebro pode influir nela, não é como órgão do pensamento, mas como instrumento de que a alma se serve para exercício das suas nobilíssimas funções. Einstein foi, no entanto, mais feliz que Bichat, o qual, tendo defendido que a grandeza da inteligência se mede pela simetria dos glóbulos cerebrais, a análise do seu cérebro descobriu que este estava, em metade do seu volume, inteiramente atrofiado.

Não deixa, porém, de ser oportuna e interessante esta lição do grande sábio, que o foi de verdade».

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no próximo mês de AGOSTO os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Rosa Pereira Revedo, Maria de Lourdes Pereira Alves e Maria Celestina S. Pereira.

DIA 2 — Maria Ambrosina Pereira, Adélia Domingues Carvalho, António Fernandes Lopes e Maria do Céu da S. Carvalho.

DIA 3 — Maria Alzira Pereira, António Mateus, Maria dos Prazeres M. Ricardo e Maria Fernanda Pereira P. Azevedo.

DIA 4 — Cândida de Jesus C. Amaral e Augusta Alves de Miranda.

DIA 5 — Graciete da Luz Araújo.

DIA 6 — Alzira da Conceição G. Ferreira.

DIA 7 — M. Miranda Araújo.

DIA 8 — Maria da Conceição Fernandes e Maria Inês Caleiro.

DIA 9 — Gracinda Simões Araújo, Rosa da Conceição O. Rocha e Maria Deolinda F. Lopes.

DIA 10 — José Júlio da Silva, Emília Figueiredo Mendes, Emília da Assunção da Costa Lima e Maria de Fátima Abreu da Silva.

DIA 12 — António da Silva Miranda e Maria Emília F. Pereira.

DIA 14 — M. Celeste Pereira.

DIA 15 — Maria de Lourdes F. Passos.

DIA 16 — Maria Emília P. Cardoso e Guilhermina da Conceição G. da Cunha.

DIA 17 — Maria Helena F. Rente.

DIA 18 — Joaquim Gomes de Sá.

DIA 19 — Maria dos Anjos D. P. da Silva.

DIA 20 — Helena Gomes Du-rães e Maria Emília S. Nogueira.

DIA 21 — Maria José Oliveira da Silva, Leopoldina Barros da C. Oliveira, Fernando da Costa Machado e Lucinda da Silva Ferreira.

DIA 22 — Ernestina Miranda Pereira e Maria de Lourdes A. Figueiredo.

DIA 23 — Manuel Gonçalves Duarte, Maria Isolete P. Miranda e Maria da Conceição P. Miranda.

DIA 24 — Maria do Carmo S. Freitas, Ilídio Eurico Gomes, Mário Oliveira da Rocha, Guilherme Simões e Justina Rodrigues Pereira.

DIA 25 — Célia da Conceição Araújo, Ana da Conceição G. Lima, Marquesa da Silva Gonçalves, Ana Pereira Alves e Maria da Conceição Barbosa Duarte.

DIA 26 — Maria Augusta F. Barbosa.

DIA 27 — Maria Joaquina da Silva A. da Costa.

DIA 28 — Maria Deolinda F. Fernandes.

DIA 29 — Maria da Graça P. Rainha, Maria do Carmo L. Vilar, Madalena Fernandes Ribeiro e Maria da Glória V. Alves.

DIA 30 — Luciana Fache da Costa e Maria Fernanda de Carvalho Araújo.

Bombeiros de Barcelinhos

No 36.º ano da sua fundação

Brevíssimas considerações

Falar de bombeiros, de Barcelos ou Barcelinhos, é como falar de almas grandes, plenas de beleza que não é difícil evocar.

O que se passou este ano em Barcelinhos merece, da nossa parte, as mais justas e sinceras considerações.

O programa, tal como fora anunciado, cumpriu-se na íntegra.

Na ceia de confraternização, que decorreu com aquele avontade tão característico e familiar, usaram da palavra vários oradores que exaltaram as nobres virtudes do voluntariado de aquém e além Cávado.

Uns falaram com a inteligência, outros com o coração e outros com o coração e com a inteligência; todos, sem excepção, disseram muito bem. Antes de se iniciarem os

brindes houve a imposição de medalhas e diplomas pela ordem que segue:

«Medalha de ouro — 2 estrelas, estandarte da Corporação, também de ouro — 1 estrela, ao 1.º Comandante António Araújo; medalha de prata, ao 2.º Comandante Manuel Guimarães Júnior».

Seguidamente vários bombeiros foram condecorados com diversas medalhas.

A ceia, como sempre, decorreu num ambiente de franca e sã camaradagem.

«Boletim Social da TEBE», na pessoa do seu director, envia os seus cumprimentos fazendo votos pelas prosperidades de tão magna associação.

N. R. — Por absoluta falta de espaço não nos alongamos como seria nosso desejo.

JOÃO GONÇALVES MARTINS

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

SECÇÃO LITERÁRIA

CONFLITOS E OUTROS CONTOS, de Fernando Lopes e a CRÍTICA

(Continuação do número anterior)

«Sabe Fernando Lopes erguer climas e ambientes, desenhar figuras e recheá-las de conteúdo humano e, sobretudo, narrar as suas histórias. Em tais qualidades, quer parecer-nos, reside a realidade de um ficcionista».

Diário de Notícias, de 2/4/57

«Fernando Lopes, autor de **Conflitos**, livro de contos, estreia-se com uma positiva afirmação dos seus méritos literários. Não lhe faltam observação e poder de narração, duas qualidades servidas por um estilo eskorreito e feliz. Sejam-nos permitido destacar entre o seu punhado de contos aquele que dá o título à obra e no qual o escritor se afirma com mais poderosa capacidade literária, descrevendo dois tipos humanos diferentes, postos frente a frente, em choque, em desesperado conflito».

O Século, de 7/3/57

«Trata-se de um livro de estreia; nele revela o autor, decididas possibilidades para o conto de análise psicológica...»

Broteria, vol. 64 — Abril/57

«A maior parte das oito narrativas de **Conflitos e outros contos** insere-se numa mundividência, digamos, romântico-humanitarista, cujas preferências temáticas pendem frequentemente para as histórias de vagabundos, garotos incompreendidos e mulheres caídas. Não se exime F. L. desse laço — sobretudo atractivo para os contistas —, mas a lisura do seu estilo e a contenção imagética permitem-lhe ultrapassar com certo equilíbrio os perigos maiores da aventura. Que este autor sujeite mais a imaginação à disciplina da análise e da observação, seguindo o caminho com felicidade já gizado nos contos **O Paliteiro** e **O Café**, e teremos talvez mais um escritor capaz de aumentar a galeria do realismo português».

MÁRIO BRAGA

Vértice, n.º 162 — Março/57

«...No entanto, para mim, o que me entusiasma é a qualidade da língua portuguesa expressa pelo autor. Não há aqui nem possidoneira barata, nem barroquismos de ultra-regionalismo. A coisa conta-se numa linguagem que não tro-

peça nas páginas de um dicionário antiquado ou no palavriado provinciano construído nas livrarias de uma capital».

RUBEN A.

Europa, n.º 4 — Abril/57

«Que um jovem escritor português surja no meio desta coisa desvairada que é a nossa feira literária com um livro de contos, em lugar do habitual e tradicional livrinho de versos, já é caso para ficarmos alerta. Que esse livro tenha o nível atingido por este, mais do que o nosso interesse, merece a nossa admiração. E, sobretudo isto, não esqueçamos que esta estreia nos chega de Barcelos que não é positivamente uma das três ou quatro, no máximo, cidadelas da nossa literatura. De Barcelos chega-nos um livro jovem de um jovem que sabe o que diz e como dizê-lo. Estamos todos de parabéns».

CARLOS PORTO

A Planície, n.º 115, de 15/5/57

«Integrado num sentido geral da mais jovem literatura portuguesa — o regionalismo com carácter humano — acaba de publicar Fernando Lopes o seu primeiro livro de contos. Mas o facto de ser uma estreia nem por isso diminui as reais e positivas qualidades do autor, já em plano de puro estilo, já na temática que é original e que revela um profundo interesse pelo drama de o homem sobreviver ou se superar».

Desta forma, as oito narrativas que constituem **Conflitos** afiguram-se-nos uma boa estreia, com uma segurança técnica que não é vulgar e com um interesse de leitura que ultrapassa de longe aquilo a que estamos habituados nos escritores mais jovens. De resto o autor revela-nos ainda uma boa distribuição do espírito de análise, tratando de forma diferente, os personagens, consoante o meio social que documentam».

Por outro lado não se fecha num erro comum a muitos escritores feitos: o espírito fechado de classe. As narrativas passam-se em meios diferentes, quanto à condição económica dos figurantes, mas nem por isso cada um deixa de ter o seu comportamento pessoal. É pois uma vasta panorâmica da gente de província, esta que podemos ver e testemunhar, após a leitura do primeiro livro de contos de Fernando Lopes.»

Diário Ilustrado, «Diálogo», n.º 20, de 4/6/57

Um Poema de Supervielle

Vamos, vinde ao meio do meu poema,
Porque comodamente me aproximo, longe de olhares indiscretos,
Entre as palavras que vos observam, se bem que apenas vos pressintam,
E outras palavras que espiam sem, contudo, vos tocar.

Aí encontrareis um clima, um céu mais elementes que nenhuns outros
Num grande imprevisto de árvores ignoradas pelas estações,
Uma floração como nos primeiros dias do mundo,
Quando nada havia nele, e de súbito tudo se tornou nosso.

Um carrinho ligeiro atravessando a minha poesia,
Com um cavalo que nunca levanta poeira
Porque sabe avançar francamente sem tocar a terra,
Far-nos-á ver com igual nitidez a clareira ou aberta.

Faremos uma grande fogueira das angústias da terra,
Para a consagrar à morte, que se afastará de nós,
E navegaremos, sem remorsos, as mais recônditas ribeiras
Onde se espelham aqueles que não receiam senão o amor,



Para uma retrospectiva do cinema português

«Graças aos ensaios históricos da autoria do sr. dr. Félix Ribeiro publicados no «Anuário Cinematográfico Português», de 1946, e na «Maravilhosa História da Arte das Imagens» e às esclarecedoras indicações do artigo «Cinematografia Nacional», igualmente do sr. dr. Félix Ribeiro, inserto no n.º 10 (de 15 de Agosto de 1951) da revista «Plateia», impõe-se hoje, a quem quer que verdadeiramente se interesse pelo cinema português, tornar conhecidos do público selecto dos Cine-Clubes, pelo menos filmes como «Os crimes de Diogo Alves», «Os Lobos», «Mulheres da Beira», «Os Olhos da Alma» (representativos das diversas tentativas de organização do nosso cinema) e a série «muda» de Leitão de Barros.

«Ao lado destes filmes, de que existem positivos em condições de serem exibidos, seria oportuno encarar-se a possibilidade económica de ir obtendo positivos daqueles filmes de que se salvaram só os negativos. Particularmente (e seguindo sempre as indicações do sr. dr. Félix Ribeiro) parece que «Cláudia» mereceria que dele se tirasse um positivo. Por nosso lado, e tendo encontrado e adquirido recentemente o negativo do filme mudo «Os Fidalgos da Casa Mourisca» seria do maior interesse o estudo, em colaboração com os Serviços de V. Ex.^{as}, desses negativos e da viabilidade de obter deles um positivo a ser utilizado por todas as organizações culturais que ao cinema se dedicam».

Resumindo, desejamos tornar V. Ex.^{as} cientes de que:

1.º — Se impõe a este Cine-Clube que realize uma exposição tão significativa quanto possível do nosso cinema anterior à «Severa». O Cine-Clube do Porto tem prevista essa exposição nos trabalhos projectados para a temporada 1953/54.

2.º — Dispõe o Cine-Clube do Porto, para esse fim, duma cópia de «Lucros Ilícitos», do negativo de «Os Fidalgos da Casa Mourisca» e de uma cópia em mau estado de «Maria do Mar».

3.º — Tendo a Cinematografia Nacional alguns positivos de filmes que são imprescindíveis para tal exposição, está o Cine-Clube do Porto na disposição de estudar todas as condições e dar todas as garantias, que devem rodear a saída de tão raros filmes dos Arquivos dessa Cinematografia, dispendo-se a enviar a Lisboa, para conferenciarem com V. Ex.^{as}, na data que V. Ex.^{as} desejarem, delegados seus, com poderes para tratar directamente de tudo o que permita dar realidade a uma iniciativa essencial para o estudo histórico da cinematografia portuguesa».

A ser levada a cabo tão útil e interessante iniciativa, bom seria prever desde já a possibilidade dessas sessões se repetirem para o público que o desejasse ou, pelo menos, para as agremiações culturais que o solicitassem e dessem as necessárias garantias — tal como os cine-clubes — de interesse verdadeiro pelo Cinema Português e de precaução cautelosa, para salvaguarda de tão raros e hoje tão preciosos documentos para a História da Cinematografia Nacional.

Pinhelenses na Índia

SÉCULO XVI

Breves apontamentos genealógicos e biográficos

Pinhel, cidade cheia das mais belas tradições, também teve filhos que, voluntariamente, procuraram na aventura, e no patriotismo, seguir a rota da Índia.

Entre os que nos foi possível descobrir citaremos:

Gaspar de Aguilár, escudeiro, de 18 anos, filho de Gonçalo de Aguilár e de Violante de Seixas, de Pinhel, foi em 1578 na nau S. Gregório.

Rui de Sela, escudeiro, de 20 anos, natural de Pinhel, filho de António de Sela e de Maria Cardoso, foi em 1558 na Nau Rainha.

Rui de Sela, escudeiro, de Pinhel, marido de Ana de Seixas.

Este número foi visado pela Censura

Publicações recebidas

«Indústria Portuguesa»

Começou a honrar-nos com a sua visita esta prestimosa revista, órgão da Associação Industrial Portuguesa, que, pelo seu conteúdo, aspecto gráfico e temas tratados, merece bem a estima de todos os industriais portugueses.

Os nossos agradecimentos pela gentileza do envio.

«A Planície»

Quinzenário cultural e Regionalista. Recebemos este jornal que vem permutar com «Boletim Social da TEBE».

Honrou-nos a visita, pois se trata de um periódico cheio de calor irradiante... perfeitamente enquadrado nesta época em que é necessário pôr em relevo o valor da arte e do espírito.

Bem haja a direcção deste jornal por se ter lembrado de nós.